

O MANGUEZAL: FRAGMENTOS DE TOPOFILIA SAUBARA-BAHIA

Inadja Elizabete Nogueira Souza Vieira¹

Resumo: O distanciamento do homem em relação à natureza tem se acentuado devido ao modelo da vida moderna. Nesse sentido, o trabalho visa analisar fragmentos que sinalizem laços afetivos entre moradores da cidade de Saubara-Ba e os manguezais. Parte do pressuposto de que os conhecimentos que detém os pescadores e marisqueiras da comunidade, transmitidos pela oralidade, evocam memórias relacionadas ao seu “lugar” de vida, de trabalho, de lazer e são indícios de como determinados modos de convivência criam as condições necessárias para o desenvolvimento de atitudes efetivas de sensibilização e educação ambiental, auxiliares ao processo de preservação do ecossistema manguezal.

Palavras-chave: Manguezal, Memória, Preservação, Topofilia.

Manguezais

Os manguezais apresentam extrema importância ecológica e são vitais para sustentabilidade dos recursos pesqueiros e para as comunidades que vivem em seu entorno. A preservação da biodiversidade nos últimos anos tem sido uma questão crucial, as ações humanas, no entanto é um dos principais fatores dos impactos ambientais. Orquestrado por um modelo de vida em que a cada dia proporciona o distanciamento entre o homem e a natureza.

A pesquisadora e especialista (SCHAEFFER-NOVELLI, 1995) assim define manguezal:

Ecossistema costeiro, de transição entre os ambientes terrestre e marinho, característico de regiões tropicais e subtropicais, sujeito ao regime das marés. É constituído de espécies vegetais lenhosas típicas (angiospermas), além de micro e macroalgas (criptógamas), adaptadas à flutuação de salinidade e caracterizadas por colonizarem sedimentos predominantemente lodosos, com baixos teores de oxigênio [...] Ocorre em regiões costeiras abrigadas e apresenta condições propícias para alimentação, proteção e reprodução de muitas espécies animais, sendo considerado importante transformador de nutrientes em matéria orgânica e gerador de bens e serviços. (p.80)

¹ Mestranda do Instituto de Humanidades, arte e Ciências. Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade – UFBA. E-mail. Inadja.vieira@gmail.com

Muito já se falou e escreveu (LACERDA, 1986; VANNUCCI, 2002) sobre a origem da palavra mangue (ou manguezal) e sobre a origem da palavra *mangrove* em inglês. Esse substantivo coletivo designa um ecossistema formado por uma associação muito especial de animais e plantas que vivem na faixa entremarés das costas tropicais baixas, ao longo de estuários, deltas, águas salobras interiores, lagoas e lagunas. “Na língua nacional do Senegal, *mangue* é como se chama os manguezais, sendo a pronúncia exatamente igual à do português. A palavra *mangue*, com ou sem pequenas variações de pronúncia, e esse nome os portugueses já tinham aprendido e adotado no século XV, espalhando-o pelo mundo” (VANNUCCI, 2002 p.34)

Segundo Schaeffer-Novelli (1995), as florestas de manguezal, distribuídas ao longo do litoral brasileiro, têm uma extensão de 7.408 km, diversificando-se entre a desembocadura do Rio Oiapoque (04o52’45”N) e o Arroio Chuí (33o45’10”S) com uma gama de ecossistemas, que varia entre campos de dunas, ilhas, recifes, costões rochosos, baías, estuários, brejos, falésias e baixios.

Quanto à distribuição dos manguezais no estado da Bahia, segundo Hadlich e Ucha (2008) a Baía de Todos os Santos, com área de 1,1 mil km², possui um perímetro de aproximadamente 200 km, sendo vastas áreas de suas margens ocupadas por manguezais. Ocupam 177,6 km², distribuídos em toda Baía de Todos os Santos (BTS), à exceção da área urbana de Salvador e das áreas litorâneas abertas ao mar.

Entre 1501, quando os portugueses cruzaram pela primeira vez a entrada da BTS, e 1590, quando o primeiro complexo urbano na borda da baía, a Cidade do Salvador, estava em pleno funcionamento, houve uma profunda mudança no entorno da BTS. Neste período a índia Kirimurê, grande mar interior dos Tupinambá, foi transformada e batizada na portuguesa Baía de Todos os Santos (Araujo, 2000). Naquela época, a região do Recôncavo baiano, que abraça toda a área da BTS e compreende vários rios e enseadas de portes variados, era coberta por densas florestas e bosques de manguezais. (HATJE e ANDRADE, 2009 p. 19)

A diversidade de espécies de plantas associadas aos manguezais depende das condições climáticas regionais. Entre as espécies restritas aos manguezais encontram-se: a *Rhizophora mangle* L., as *Avicennia germinans* L. e *Avicennia schaueriana* Stapf.

& Leech. E a *Laguncularia racemosa* R. (Gaertn), árvore mais frequente nos manguezais do Brasil. (VANNUCCI, 2002 p.197)

Quanto à fauna é muito difícil identificar espécies exclusivas desse ecossistema. Vannucci (2002) agrupa em quatro grupos funcionais distintos: 1- Espécies diretamente associadas às estruturas aéreas das árvores. Exemplos: Aratu, ostras e aves. 2- Espécies que habitam o ambiente terrestre, mas que visitam periodicamente os mangues à procura de alimento. Exemplos: Mamíferos, cachorro, lontras, jacaré, micos e macacos. 3- Espécies que vivem nos sedimentos de manguezais e/ou nos bancos de lama adjacentes. Exemplos: Crustáceos (Siris e caranguejos) e moluscos (Sururu, bivalves e gastrópode) 4- Espécies marinhas que passam parte do seu ciclo de vida nos manguezais. Exemplos: (Camarões e diversos peixes), fonte de sobrevivência para muitas populações.

Ecossistema de importância socioeconômica e ambiental, cuja fração considerável de área já foi suprimida por diversas atividades humanas, embora protegidos por diversos dispositivos legais como a Constituição Federativa do Brasil de 05 de outubro de 1988, que define a Zona Costeira como patrimônio nacional e os manguezais, em toda sua extensão, como Áreas de Preservação Permanente.

O art. 225 da Constituição Federal estabelece que, “Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações”.

Embora protegidos pela legislação vigente, uma fração apreciável da área de manguezais no Brasil foi eliminada pela expansão urbana, portuária, turística e industrial, principalmente nos litorais nordeste e sudeste. [...] Infelizmente, os cenários futuros não indicam uma mudança significativa na situação atual. (VANNUCCI, 2002 p.205)

Mangue...

O homem foi capaz de se fixar e se adaptar aos mais diferentes ambientes. No Brasil, os manguezais e seus arredores foram ocupados por povos em busca de alimento e abrigo como forma de sobrevivência. “Os mangues foram utilizados pelas populações

indígenas antes da chegada dos colonizadores europeus como atestam os montes de ostras retiradas das raízes de mangue” (DIEGUES, 1991 *apud* NOVELLI, 1995, p. 30).

Resgatando a passagem de Laraia (2013) quando da contribuição de Kroeber para a ampliação do conceito de cultura é importante observar os seguintes pontos: “A cultura é o meio de adaptação aos diferentes ambientes ecológicos”. (LARAIA, 2013 p.48) O ser humano se adaptou a todos os tipos de ambientes, até os aparentemente mais inóspitos, utilizando-se dos recursos naturais disponíveis para sua sobrevivência, com os manguezais não foi diferente.

Segundo Arthur Soffiati (2004) em seu texto sobre manguezais e conflitos sociais no Brasil colônia, tudo indica que pessoas pobres tenham se fixado nos arredores dos manguezais desde o século XVI, praticando uma economia extrativista vegetal e animal de subsistência, inclusive com a apropriação de tecnologia dos povos indígenas. Em contato com um ecossistema não existente na Europa, os colonos portugueses pobres aprenderam com os nativos como explorá-lo. Para ele, os africanos, já conheciam os manguezais em sua terra natal e não estranharam este ambiente, e utilizavam como fonte de proteínas. Já os europeus, de início parecem ter desprezado e evitado este ecossistema devido as semelhanças com os pântanos de seu continente, considerados insalubres e povoados de ente malignos.

Encontramos em Gilberto Freyre (2013) palavra mangue atribuída a áreas de prostituição das negras no Rio de Janeiro, “[...] o Mangue carioca: escravas de dez, doze, quinze anos mostrando-se às janelas, seminuas; escravas a quem seus senhores e suas senhoras obrigavam a vender seus favores [...]”; o artista Lasar Segall, em 1944 lançou o álbum *Mangue*, com reproduções de desenhos sobre a prostituição, com olhar voltado para questões sociais como a solidão e miséria; Di Cavalcanti, em 1929 pintou o quadro *Mangue* uma de suas principais obras, retratando prostituição no “mangue” da Cidade do Rio de Janeiro. Como relata Vannucci (2002) palavra “mangue” era relacionada ao local de perigo, confusão, terras improdutivas, gerando desprezo e degradação ao ambiente, em alguns lugares ainda são, não se reconhece o valioso serviço dispensado pelos manguezais à humanidade.

A vida das pessoas que habitam regiões próximas aos manguezais, muitas vezes, é marcada pela pobreza material e riqueza cultural, a preocupação em preservar deve

está associada à importância da diversidade – seja biodiversidade ou diversidade cultural – para manutenção dessa e das futuras gerações. Segundo o pesquisador Diegues (2005), as práticas culturais desenvolvidas por populações tradicionais (povos indígenas, caiçaras, caboclos, ribeirinhos, sertanejos e outros) em seus modos de vida, são responsáveis pela manutenção da biodiversidade, demonstrando a importância da interrelação entre o homem e a natureza.

A pretexto de converter para “melhor uso” aquelas terras “más”, muito prejuízo se causou a um importante ecossistema. Tudo aconteceu porque nenhum estrangeiro tinha tentado realmente entender o ecossistema manguezal e não havia existido no local um Chefe Seattle para dizer ao invasor que o homem faz parte do ecossistema e deveria tentar viver em harmonia com ele. (VANNUCCI, 2002 p. 35)

Considerando o papel da cultura no condicionamento da percepção e dos valores ambientais das pessoas, pode-se pressupor que modos de vida podem ser forte elemento compartilhado nas relações de preservação ambiental. O que sugere compreender o elo afetivo entre a pessoa e o “lugar” de vida. “O saber acerca dos manguezais como ambiente intimamente associado à produtividade biológica animal curiosamente procede dos pescadores e não do cientista” (SOFFIATI, 2004 p.19). Desde os séculos XVII e XVIII pessoas utilizavam os manguezais como fonte de subsistência, e os pescadores já travavam uma discussão em relação ao corte das plantas do mangue, as quais suponha ser atrativas para os peixes e caranguejos.

A cultura popular tem raízes na terra em que se vive, simboliza o homem e seu entorno, encarna a vontade de enfrentar o futuro sem romper com o lugar, e de ali obter a continuidade, através da mudança. Seu quadro e seu limite são as relações profundas que se estabelecem entre o homem e o seu meio, mas seu alcance é o mundo. (SANTOS, 2006 p. 222)

Um claro exemplo desse fenômeno pode ser observando nas memórias transmitidas por gerações no município de Saubara reforçam sentimento de pertença e de construção da identidade presentes nos modos de vida, nas relações sociais e familiares, nos rituais e símbolos expressos nas diversas manifestações tradicionais, marcadas pela participação popular, recuperando o passado, não deixando cair no esquecimento uma cadeia simbólica construída para amenizar as dificuldades

enfrentadas no mundo do trabalho, nos possibilita refletir sobre a importância da preservação das memórias e como estas impactam na preservação dos manguezais ali existentes.

O município de Saubara localiza-se a 98 km de Salvador via rodovia e menos de 20 km via náutica, situa-se no interior da Baía de Todos os Santos, próximo à foz do Rio Paraguaçu. Segundo Barros (2006), o nome Saubara, é de origem indígena, do tupi-guarani. Vem da palavra saúva, que significa comedor de formiga, Sauvara, que por questão de sonoridade passou a chamar Saubara, nasce próximo ao mar, por volta de 1550. Foi o primeiro distrito do município de Santo Amaro da Purificação, teve sua constituição a partir da construção da igreja dedicada a São Domingos de Gusmão da Saubara, padroeiro da cidade. A igreja foi construída pelos jesuítas espanhóis, situado na parte mais alta da cidade de frente para a maré. Em 1989, Saubara tem sua emancipação política, ocupa área de 158 km², limitando-se com os municípios de Santo Amaro, Salinas das Margaridas, Cachoeira, Maragogipe e a Baía de Todos os Santos. Possui intensa atividade pesqueira, mariscagem e grande diversidade de manifestações culturais, realizadas em grande maioria por pescadores, marisqueiras seus filhos e netos.

Vannucci (2002) chama atenção para o papel da mulher no processo de assentamento humano em áreas de manguezais:

As povoações isoladas temporárias tornam-se assentamentos permanentes quando mulheres são trazidas pelo seu papel simbolicamente protetor e mágico – elemento doador de vida – e para auxiliar no trabalho comunitário. [...] As mulheres e as crianças cultivam e protegem os lotes enquanto os homens estão longe na floresta ou pescando. (VANNUCCI, 2002 p. 113)

As mulheres desenvolvem atividades de pesca principalmente nas áreas de mangue, no Recôncavo Baiano essa também é uma constante, o feminino também marca com grandeza o espaço mítico, representado por divindades, que são guardiãs dos mares e da maré, a quem se dedicam oferendas, “pedindo permissão para explorar os recursos das águas marinhas e obter boa pescaria”. (OLIVEIRA, 1993 p. 92)

Para Oliveira, as figuras míticas são responsáveis por manter mulheres longe do alto mar:

[...] donas das águas doces e do mar, são representadas por mulheres belas, vaidosas, que protegem os pescadores e mantém com estes uma relação

amorosa simbólica. De tempos em tempos, transformam-se inteiramente em mulheres e cantam à beira da praia para atrair o pescador escolhido. O ciúme destas “donas”, que não suportam outra presença feminina nas suas águas, seria, pois, a causa simbólica do impedimento da mulher ir ao mar e pescar em águas distantes. (OLIVEIRA, 1993, p. 78)

Fragmentos de topofilia

Segundo Tuan (2012) a topofilia refere-se a todas as relações afetivas das pessoas com o meio ambiente. Essas relações podem ser expressas a partir da estética, apreciação da beleza do lugar, da sensação tátil do lugar, sentimento de valor do local de vida e de trabalho.

Tuan (2012) explica que o processo de percepção envolve o domínio mental de interação dos atores sociais e meio ambiente, ocorrem através de mecanismos perceptivos, traços comuns em percepção: os sentidos, visão, audição, olfato, paladar e tato. Desse modo cada pessoa tem uma percepção diferenciada para o mesmo ambiente. A percepção é baseada nos conhecimentos, e posturas individuais, fazendo com que cada pessoa tenha percepção diferenciada para o mesmo ambiente, assim os manguezais para alguns, é concebido como um lugar feio, malcheiroso, nojento, insalubre, para outros, que convivem é de onde retiram sua sobrevivência, a visão é de um local, provedor de vida tido com mãe que acolhe e cuida alimentando seus filhos.

Considerando que os riscos ambientais não são inatos, mas aprendidos e derivados de comportamentos sociais, analisar o ecossistema manguezal, a partir de fragmentos de topofilia no município de Saubara-Ba, é tentar entender se a existência de elo afetivo entre indivíduos e seus espaços de vida, provenientes dos modos de vida tradicionais, redundam num ambiente ecologicamente equilibrado, contribuindo para preservação de ecossistemas. Como afirma Tuan (2013) o espaço só se transforma em lugar à medida que o conhecemos melhor e atribuímos-lhe valores e significados, dotando-o de características decorrentes da nossa vivência cultural de forma direta e íntima.

Ao observar as representações culturais presentes no cotidiano dos moradores da cidade de Saubara-Ba, pode-se perceber que ali se constroem laços afetivos entre homens e manguezais, através de elementos naturais e artificiais da paisagem. Segundo

Santos (2006) a paisagem seria um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais que não se cria de uma só vez, mas por acréscimos e substituições, ou seja, ela é uma herança de muitos momentos. Criados por pessoas, decorrente de suas experiências e relações com o mundo que o cerca.

Diegues (2008) afirma que “a maioria das áreas de florestas tropicais e outros ecossistemas ainda não destruídos pela invasão capitalista é, em grande parte, habitada por tipos de sociedades de extrativistas, ribeirinhos, grupos e povos indígenas”, que mantém uma relação de equilíbrio com a natureza. Diante da afirmação de Antonio Carlos Diegues podemos destacar que as relações construídas entre o homem e a natureza no município de Saudara revelam que a ligação dos seus moradores com o seu “lugar” de vida, de trabalho, de lazer, de convívio social reflete-se na preservação ambiental do ecossistema que lhes conferem sobrevivência, os manguezais.

Figura 1. Instalação em forma de animais encontrados nos mares e marés, fonte de alimento e subsistência para muitas famílias na cidade de Saubara-Ba, revelando um elo afetivo entre o ecossistema e o morador dessa casa.



Figura 1 Foto: Ariane Vieira, 2015

Quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente. Um objeto ou lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, mediante todos os sentidos, como também com mente ativa e reflexiva (TUAN, 2013 p. 29)

Segundo Tuan (2013) com o tempo nos familiarizamos com o lugar, o que quer dizer que cada vez mais nos consideramos conhecidos, a afeição é adquirida, podendo desenvolver uma paixão pelo lugar.

Figura 2. Momentos de lazer e descontração, crianças e adultos em banho no final da tarde de maré cheia.



Figura 2 Foto: Inadja Vieira, 2015

O meio ambiente natural e a visão do mundo estão estreitamente ligadas: a visão do mundo, se não é derivada de uma cultura estranha, necessariamente é construída dos elementos conspícuos do ambiente social e físico de um povo. (TUAN, 2012 p.116)

Figura 3. Momentos de trabalho, marisqueira catando mariscos, no final de tarde à sombra de uma árvore a porta de casa.

“Quando acordo tô de frente para maré! O mangue fica na porta de casa. Eu nasci aqui, eu gosto. Daqui, tirei o sustento e criei seis filhos”(sic), Com alegria nós olhos, diz D. Marina!



Figura 3. Foto: Inadja Vieira, 2015

A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito intensa, que é subitamente revelada. (TUAN, 2012 p.136)

“Vovô Pedro” agricultor, pescador, um dos responsáveis pelo grupo de samba de roda que leva o seu nome, mestre do saber na arte do samba de roda, se vale das memórias como mediador na transmissão dos conhecimentos as crianças e jovens do grupo mirim cantando mar e o mangue². As letras dos seus Samba de roda, apresentam elementos de afetividade com a maré, “ô mora no meu coração”.

Mais do que música ou dança, o samba de roda proporciona união, espírito de fraternidade, comunhão, estabelece e reforça laços de amizade, afasta as dores do corpo e da alma, iluminando não só aqueles que cantam, dançam batem palmas, mas todos os que testemunham essa ritualidade, cuja misticidade é reconhecimento para os mais iniciados e magia para os sentidos dos demais. (NEUBERGER, 2014 p.1)

A Barquinha de Bom Jesus dos Pobres, manifestação cultural do município de Saubara-Ba, que segundo Barros (2006) devido a dificuldades que o local passava na época, em relação a escassez do pescado, meio de sobrevivência da população que vivia exclusivamente da pesca, então, uma senhora chamada Melica, resolve fazer uma barquinha, colher oferendas da comunidade, principalmente dos pescadores, e levou a barca ao Mar, entre cantos³ e danças, na noite de 31 de dezembro, pedindo prosperidade e fartura para o ano vindouro, agradecendo o ano que passou e pedindo ainda união entre o homem com o mar. A tradição que se repete a muitos anos, hoje representada por Rita da Barquinha. Segundo Candau (2014) quanto das contribuições de Anne Muxel, “a memória familiar serve de princípio organizador da identidade do sujeito em diferentes modalidades”. Encontramos em Saubara memória, alimentares, que se perpetuam por gerações. “as práticas alimentares estão profundamente ligadas

² Sambas do Vovô Pedro: Bom Jesus boa passagem/Cabuçu faz o que quer/são Domingos de Saubara/está de frente pra maré/está de frente pra maré/está de frente pra maré.

Saubara tem bebe-fumo/tem ostra/tem sururu/tem caranguejo/tem gaíamum/Saubara tem peixe bom/também tem camarão/tem o povo bom/ ô mora no meu coração/ ô mora no meu coração/ ô mora no meu coração.

³ Oh! Moça bela/Chegue a janela/ Venha ver a barca/ Que a noite é bela/ Tim do lê, lê, ou lá, lá./ O Rio de Prata encheu/ Vamos levar a barquinha/Que nas águas se perdeu/O homem que é pescador/ Jamais pode esquecer/Se rema conta a maré
A barca vai perder.

aos gostos que variam pouco, pois eles remetem a imagens inconscientes, a aprendizados e a lembranças de infância” (CUCHE, 1999 p.160).

[...] a repetição de certos rituais (refeições, festas familiares), a conservação coletiva de saberes, de referências, de recordações familiares e de emblemas (fotografias, lugares, objetos, papéis de família, odores, canções, receitas de cozinha, patronímia e nomes próprios), bem como a responsabilidade pela transmissão das heranças materiais e imateriais, são dimensões essenciais do sentimento de pertencimento e dos laços familiares, fazendo com que os membros da parentela queiram considerar-se como uma família. (CANDAU, 2014 p.140)

Memórias apresentadas nos momentos de festividades em Saubara podem despertar nos indivíduos atitudes, tolerância, respeito, reconhecimento e valorização das suas tradições em um universo simbólico, intensificando as relações entre gerações com as trocas de saberes.

Quem vai á festa tem a possibilidade de aprender que o que se sabe ainda não é tudo para se continuar a viver e a reproduzir as condições de sobrevivência. Há que se abrir para o novo, que cedo ou tarde acaba chegando e preenchendo nossos espaços vitais, até mesmo o da nossa habitação. Mas na festa também se pode aprender que o novo, por mais irremediável que seja, precisa ser integrado à herança que recebemos, que foi e, em muitos casos, ainda permanece sendo reconstituída, reproduzida e ensinada por abnegados artistas e sábios conservadores da cultura popular. A festa popular é o grande e fecundo momento a nos ensinar que a arte de viver e de compreender a vida que nos envolve está na perfeita integração entre o velho e o novo. Sem o novo, paramos no tempo. Mas sem o velho nos apresentamos ao presente e ao futuro de mãos vazias (PESSOA, 2013 p.210)

Resgatando a passagem de Laraia (2013) quando da contribuição do antropólogo americano Marvin Harris (1969) que expressa “Nenhuma ordem social é baseada em verdades inatas, uma mudança no ambiente resulta numa mudança no comportamento”, o oposto também é verdadeiro. Dessa forma, as experiências exitosas, decorrente de atitudes harmônicas entre elementos culturais e naturais em Saubara, traduz-se num ambiente saudável e preservado que revela a importância de se reconhecer o potencial educativo existente nos modos de vida tradicional.

Crenças e práticas culturais ajudaram populações humanas a se adaptar a seus ambientes usando elementos de sua cultura para manter seus ecossistemas. Muitos grupos nativos fizeram um trabalho

significativo na gestão de seus recursos e preservação de seus ecossistemas. Esses grupos tinham formas tradicionais de categorizar recursos, regulando seu uso e preservando o meio ambiente. (KOTTAK, 2013 p. 319)

Populações que possuem no seu “lugar” de vida um legado reforçado pelo trabalho junto ao ecossistema que lhe confere subsistência, renda e inspiração cultural em seus cantos e contos pode promover práticas favoráveis à preservação desse ambiente, a partir da tradição local que constantemente se atualiza e renova em um universo de significados a partir de experiências cotidianas.

A necessidade de reflexões acerca das relações estabelecidas entre cultura e meio ambiente, em comunidades que desenvolvam atividades tradicionais dotadas de significativo bens culturais e naturais, pode fornecer elementos para compreensão de comportamentos em comunidades tradicionais e urbanas, e as estratégias de preservação desses bens.

Saubara nos demonstra que: quanto mais áreas de mangue forem deixadas intactas ao longo do litoral, mais produtos, serviços e benefícios serão mantidos e usufruídos por maior parcela da população, e por outro lado, o melhor uso para qualquer manguezal é continuar como área preservada de modo a manter os valores culturais, estéticos, paisagísticos, recreacionais e educacionais, proteção da vida selvagem e dos recursos pesqueiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Judite S. **Saubara dos cantos, contos e encantos**. Secretaria de Cultura e Turismo, 2ª edição, 2006.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

DIEGUES, Antonio C. e ARRUDA, Rinaldo S. V. (Orgs) **Saberes Tradicionais e Biodiversidade no Brasil**, São Paulo, NUPAUB, 2000. Disponível: <http://nupaub.fflch.usp.br/biblioteca> Acesso em: 08 de Jun 2015.

DIEGUES, Antonio C. **O mito moderno da natureza intocada**, 6ª ed. ampliada - São Paulo: Hucitec: NUPAUB-USP/CEC, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime patriarcal. ed. 52 São Paulo: Global, 2013.

HADLICH, Gisele M., e UCHA, José M. **Distribuição de apicuns e de manguezais na Baía de Todos os Santos, Bahia, Brasil**, Anais XIV Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, Natal, Brasil, 25-30 abril 2009, INPE, p. 4607-4614. Disponível: bibdigital.sid.inpe.br/dpi.inpe.br/sbsr@80/2008/11.14.12.54

HATJE, Vanessa. e ANDRADE, Jailson B. de, Organizadores **Baía de Todos os Santos**: aspectos oceanográficos organizadores. - Salvador : EDUFBA, 2009. 306 p.

KOTTAK, Conrad Phillip. **Um espelho para humanidade**: uma introdução à antropologia cultural. 8. Ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

LARAIA, Roque de B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

NEUBERGER, Rachel S. A. **Samba de Roda: Muito mais que um patrimônio imaterial da humanidade** 2014, X - ENECULT
Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult/anais/edicao-2014/> Acesso em: 22 de Set. 2015.

NOVELLI, Yara Schaeffer. **Situação atual do grupo de ecossistemas**: “manguezal, marisma e apicum” incluindo os principais vetores de pressão e as perspectivas para sua conservação e usos sustentável. Disponível: http://www.anp.gov.br/brnd/round5/.../manguezal_marisma_apicum.pdf Acesso em: 17 Jun 2013.

_____. “Introdução”. **Manguezal**: Ecossistema entre a Terra e o Mar. São Paulo: Caribbean Ecological Research, 1995. Disponível: <http://comissaoaproiguape.files.wordpress.com/2010/05/parte-08-manguezal.pdf> Acesso em: 26 de set 2013.

OLIVEIRA, Neusa M. **Rainha das águas e dona do mangue**: um estudo do trabalho feminino no ambiente marinho. Rev Brasil Estudos Pop, Campinas, 10 (1/2) 1993.

PESSOA, Jadir de Moraes, Festa popular e educação popular: lugares em movimento. In: **Educação popular: lugar de construção social coletiva**. STRECK, Danilo R. e ESTEBAN, Maria Teresa (org). Rio Janeiro, Editora Vozes, 2013. p.203-213

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção - 4. ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SEGALL, Lasar **Poéticas do mangue**.



Disponível: <http://www.museusegall.org.br/mlsItem.asp?sSume=1&sItem=403> Acesso: 15 Jul 2015.

SOFFIATI, Arthur. **Manguezais e conflitos sociais no Brasil colônia**. 2004.

Disponível em: [http://www.anppas.org.br/encontro_anual2 GT16/gt16](http://www.anppas.org.br/encontro_anual2/GT16/gt16) Acesso em: 10 de Jan. 2015.

SOUTO, Francisco J. B., MARTINS, Viviane S. **Conhecimentos etnoecológicos na mariscagem de moluscos bivalves no Manguezal do Distrito de Acupe, Santo Amaro – BA**, Universidade Estadual de Feira de Santana, Biotemas, 22 (4): 207-218, dezembro, 2009

Disponível: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/biotemas/article/viewFile/pdf> Acesso em: 12:49 17 Jun 2013

TUAN, Yi Fu. **Topofolia**: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina; Eduel, 2012.

TUAN, Yi Fu. **Espaço e Lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. Londrina; Eduel, 2013.

VANNUCCI, Marta. **Os Manguezais e Nós**: Uma síntese de percepções. Versão em português, Denise Navas-Pereira. – 2.ed. Revista e ampliada – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.